Origem filológica e evolução ortográfica do vocábulo "Ceará"

GUARINO ALVES DE OLIVEIRA (*)

A procedência da palavra "Ceará" deve ser procurada na Capitania Real do Rio Grande do Norte, tendo como região o atual município do Ceará-Mirim, investigável historicamente mediante duas etapas: antes e depois do domínio holandês. Na primeira, preponderam as concessões de "datas" de sesmarias ; na última, surgem o povoado e a vila.

Demais a mais, a penetração espontânea do colono – primeira etapa – processou-se de oeste para o leste, vencendo de início o pântano da baixada com suas "ilhas" ou terras altas, hoje a várzea ou vale canavieiro; e mais além, o prado salgado com o conseqüente aproveitamento da pesca marinha de subsistência.

As concessões de "datas" foram efetuadas entre 7 de março de 1602 a 29 de dezembro de 1613. Entretanto, ignora-se o que houve daí em diante, sobretudo na época dos flamengos. Estes, chegados a 12 de dezembro de 1633, retiraram-se no ano de 1654. Repelidos, o primeiro mandatário da Capitania, Antônio Vaz Gondim, andou distribuindo "datas" nas várzeas do Potengi, do Mipibu e Cunhaú.

Mais tarde, como se pode supor, novos colonos, descendentes talvez de pioneiros locais, ou originários de outras plagas, adquiriram terras na várzea do rio Ceará-Mirim. Sob este aspecto é de observar-se que um hiato de quase completo silêncio domina o panorama do século dezoito e iníçio do imediato. Somente a partir de 1844 surge notícia oral sobre a convergência de agricultores para a zona da Mata cearamirinense. Começava o segundo pioneirismo, do qual faziam parte muitas pessoas naturais dos municípios do Açu, Goianinha, São Gonçalo do Amarante, Mipibu, Macaíba e Natal, inclusive cearenses, paraibanos, pernambucanos,

(*) Sócio Efetivo do Instituto do Ceará.

notando-se também a presença de portugueses, italianos e ingleses. Do esforço dessa gente nasceria um empório açucareiro de especial importância para a economia e a política da própria Província.

Antes do domínio holandês, ou melhor dizendo, em seguida à chegada do Capitão-mor de Pernambuco, Manoel Mascarenhas Homem, em 1597, foram concedidas durante os governos dos capitães-mores João Rodrigues Colaço, Jerônimo de Albuquerque e Francisco Caldeira Castelo Branco vinte "datas" de sesmarias, das quais nove permaneceram devolutas, e cinco sem beneficiamento em 1614.

Em algumas partes havia "partidos" de cana de açúcar, mas sem fábricas; outras, com agricultura de subsistência; e na costa marítima, pescaria. A população, rarefeita, pobre, mantinha-se como podia, sem o auxílio do braço escravo, à custa exclusivamente da enxada, ou então criando gado *vacum* e miúças. Impossível, portanto, era "dominar" a terra por inteiro. Não obstante, havia nas imediações alguns felizardos, como no caso dos padres da *Companhia de Jesus*, mantenedores de pequeno número de escravos *guinéus* atuando em roças e canaviais, e do mesmo modo o Capitão-mor Rodrigues Colaço mais adiante e ao sul.

O fato é que a Várzea cearamirinense por onde corria o rio Ceará-mirim, destruidor de lavouras no período invernoso, era tida como zona da mata e pântano.

De conformidade com o *AUTO* de repartição das terras de 1614, procedido em Natal e assinado por Alexandre de Moura, Capitão-mor de Pernambuco, e pelo Des. Manoel Pinto da Rocha, ouvidor do Estado, as "datas" concedidas em anos anteriores, cujos topônimos nelas registrados grafei para melhor clareza da leitura e posteriores interpretações, mormente quanto ao vocábulo *CEARÁ*, são as seguintes:

> "40. – Ha data corenta deu joão rodrigues colaço a afonso aluares em sete de março de seis sentos e dous, são quinhentas braças em quadra no *ryo seara* da banda do norte por costa, e outras tantas pello ryo dentro para rede de pescar e mantimentos, o qual não fez bemfeitorias nenhumas, deu depois por deuolutas a gregorio domingues que ha vendeo a josé do porto cujo he oje este porto, que não serue mais que pera pescaria que nella oje faz."

"43. – Ha data corenta e tres deu joão rodrigues colaço a gregoriio guonçalues em tres de março de seis sentos e dous, he de mil braças de terra por costa, comesando de hu riacho por nome *conapotu merim* para a banda do sul e para o sertão mil braças o qual possue oje domingues martins, e tem nella hua rede de pescar e hu curral de vaccas, manoel rois lhe vendeo a quem foi dada por deuoluta e não serue pera outra cousa."

"49. – Ha data corenta e noue deu joão rodrigues colaço a gregorio domingues em vinte e cinco de junho de seis sentos e tres, e he o porto de *seara* que ohe he de josé do porto como fica dito no capitolo atras, numero corenta."

"63. – Ha data sesenta e tres deu jeronimo dalboquerque a bras de mesquita em dous de junho de seis sentos e quatro, he de mea leguoa de terra na *varge de seara* para a banda do norte, e outras seis sentas para a banda sul, serue para mantimentos e guado, e não foi feito bemfeitorias nella."

"64. – Ha data sesenta e quatro deu jeronimo dalboquerque a manuel carualho em tres de junho de seis sentos e quatro, he de seis sentas braças em quadra na testada da data asima de bras de mesquita, he terra para mantimentos e guado, não tem feito bemfeitorias nehumas."

"73. – Ha data setenta e tres deu jeronimo dalboquerque a guaspar rebello em vinte e seis de outubro de seis sentos e quatro e he do *ryo seara* por costa atee a banda sul, atee a ponta que descobre a fortaleza, he mil e dozentas braças para o sertão, he terra que não serue mais que para pastos e criações fez nella casa e pescarias, e averá tres annos que está deuoluta."

"75. – Ha data setenta e sinco deu jeronimo dalboquerque a antonio guonçalues minhoto em dous de dezembro de seis sentos e quatro, são seis sentas braças de terra em quadra que comesão do *ryo canaputumerim* para o norte, teue nella cazas he rede de pescar, e averá dous annos que vendeo a francisco coelho."

"77. – Ha data setenta e sete deu jeronimo dalboquerque a domingues martins em sete de janeiro de seis sentos e sinco, he mea leguoa de terra em quadra ao longo do mar do *ryo conaputu merim* para a banda do sul, viue e pesca nella e tem guado digo são hus chãos dados a jeronimo da cunha, e fez cazas em que vive, e mais asima se fez por erro."

"79. – A data setenta e noue deu jeronimo dalboquerque a niculao vasalim em oito de feureiro de seis sentos e sinco, são mil braças em quadra no *ryo boixúnumguape*, quinhentas para cada parte por costa fez caza e rede nellas e averá tres annos que está despouada."

"82. – Ha data oitenta e dous deu jeronimo dalboquerque a dominguos aluares em doze de março de seis sentos e sinco, he mea leguoa de terra em quadra na testada de greguorio domingues pelo *Seara* asima de banda do sul, está deuoluta e não presta para nada."

"88. – Ha data oitenta e oito deu jeronimo dalboquerque a guaspar rabello em vinte e tres de feureiro de seis sentos e sinco, seis sentas braças por quadra donde acaba a outra sua data de *seara* e mil e quinhentas para ho sertão, não serue para nada."

"102. – Ha data sento e dous deu jeronimo dalboquerque aos padres da companhia em sete de janeiro de seis sentos e sete, a qual sorte de terra comesa no ryo *jaguaribe* de frente da çidade e monte *ubuturapaum* na testa da data de antonio dalboquerque de maneira que postos no mais alto do dito monte, correrão ao oeste atee emparelhar com a laguna, se porão na ylha do principio e testada da data de manoel soares, de frente do lugar que chamão *tijuro* e correrão pello rumo que corre a ylha tres mil braças de dez palmos cada braça, as quaes corridas correrão para ho noroeste, e tomarão seis braças e dahy correrão atee o mar salgado pello rumo q' fizer quadro com nornoroeste, e por quanto nos limites nomeados estão algumas datas, e não hera sua atenção pedir o que estaua já dado, pedião lhe dessem em nome de sua magestade que se pudesse encher, e emteirar neste numero de braças que pedião, e lemites que nomeão, na cabesseira donde milhor lhes estituesse, fazendo na largura comprimento e no comprimento largura, poderá compreender esta data quatorze leguoas dentro nesta data, tres pequenas de particulares pella praia e prado salgado duas que tem hua leguoa. Muitas destas datas dos padres he terra inutyl, e de nenhum proueito e muito serue para pastos e mantimentos e varge de *seara*, que cahe dentro desalaguandoa dara muy formosos canaueaes, dentro da dita data ha hu ryo daguoa doçe muito formoso que alagua a dita varge, e será muito factiuel o dezalagualo a varge e aprouitarse tem outrosy a dita varge lenhas, e madeiras ordinarias, não se ha feito da dita terra bemfeitorias alguas mais que dous curraes de vaccas, e alguas eguoas e quatro escravos de guiné."

"106. – Ha data sento e seis deu jeronimo dalboquerque a jeronimo datayde em vinte e oito de julho de seis sentos e seis, he hua leguoa de terra em quadra na varge de *seara* por hu ryo asima que se chama *hobú*, ficando tanto de hua banda como de outra, ficando o ryo em meio, tem para canna, fruitos e pastos, não foi atte aguora feito bemfeitorias alguas, e está deuoluta."

"120. – Ha data çento e vinte deu jeronimo dalboquerque a francisco fernandes dalmeida em vinte e sete de setembro de seis sentos e

> sete, são seis çentas braças em quadra comesando donde acaba Bras de mesquita para a banda de *seara* em ho çitio que chamão *araobú*, he terra de pouco prestimo, está deuoluta."
> "129. – Ha data çento e vinte e noue deu jeronimo dalboquerque a dominguos martins em noue de julho de seis sentos e oito annos, he mea leguoa de terra em quadra pello ryo *seara* asima aonde chamão *tapiatá*, porém não ha não cultiou por ser de pouco prestimo e está deuoluta."
> "159. – Ha data sento e sincoenta e doue deu jeronimo dalboquerque a ynes duarte em dous de aguosto de seis sentos e dez, he hua leguoa de terra em quadra pelo ryo *hobu* asima na testada de guaspar alboquerque e jeronimo datayde, serue para mantimentos e guados e he alaguada a mor parte he não tem feito bemfeitorias."
> "162. – Ha data sento e sesenta duas deu jeronimo alboquerque a afonso laguarto em noue de aguosto de seis sentos e dez he mea leguoa de terra onde se mete o *senembuoasú* no *seara* he terra que não serue senão para algum mantimento e pasto, não fez nella bemfeitorias algumas, está deuoluta."
> "176. – Ha data çento e setenta e seis deu o capitão francisco caldeira de Castel branco a beatrys de pauia filha do Alferes luiz guomes em quatro de outubro de seis sentos e treze, he hua leguoa de terra em quadra na varge de *seara* na testada onde os padres da companhia acabarem, he terra para pastos e roças, e se desalaguar muita della servirá para cannas, ynda não he feito bemfeitorias nellas."
> "182. – Ha data çento e oitenta e duas deu o capitão mor francisco caldeira castelo branco a ynes victoria filha de afonso laguarto em vinte e noue de dezembro de seis sentos e treze, he mea leguoa de terra em *senembuasuapé*, he terra para mantimentos e pastos, ynda não he feito bemfeitorias."

Transcristas as anotações do *AUTO* de 1614 na parte de interesse para Ceará-Mirim, leia-se ainda nesse preciosíssimo documento da Torre do Tombo em Lisboa, o que disseram os examinadores da Várzea, Mestre de engenhos Jerônimo morador na Paraíba, Manuel Fernandes e Domingos Martins, depois de prestarem juramento aos Santos Evangelhos. Após visitarem a região – *terras que ha de outra banda do ryo* (Potengi) *na varge de Seara* – afirmaram:

> "Disserão que virão a dita varge, e que ha terra della he de prestimo e calidade para se poder plantar canna e que na parte della que está desalaguada disse o dito jeronimo matheus que se podia fazer hu engenho dagoa por aver cantidade della bastante para ysso e posto que vinha muito baxa lhe paresia que buscandolhe o naçimento

> se lhe poderia por ventura achar altura que fosse bastante para o que hera nesesario yr lho buscar no nasimento he tirarlhe o lieuel para se se poder dezalaguar a maior parte da varge que está alaguada por que dezalaguandose poderá fazer nella dous trapiches. Porém que por em todas aquellas não vio madeiras reaes para as pessas principaes dos engenhos e que ysto hera o que declarauão da dita varge e que não virão as vargens diguo virão as terras que ha pello ryo *potigi* asima de hua outra banda e que tão bem hera terra de cannas e capaz de fazerem nela dous trapiches", (Etc.) (1).

Conclue-se que em 1614 nove "datas" estavam devolutas, cinco não receberam beneficiamento, nem existiam fábrica de açúcar. Mesmo considerando o motivo essencial da "repartição" das terras mandada executar pelo Rei (Provisão de 28 de setembro de 1611) para diminuir as extensões das "datas", e assim acabar com a prática do não cultivo do solo, ignora-se qualquer progresso notável durante os dezenove anos que se seguiram de 1614 até a invasão holandesa em 1633.

Bom seria que ficassem gravados em bronze de um monumento na cidade do Ceará-Mirim os nomes dos pioneiros da Várzea:

AFONSO ÁLVARES * GASPAR DE ALBUQUERQUE *GREGÓRIO GONÇALVES *BRÁS DE MESQUITA *GREGÓRIO DOMINGUES *MANOEL DE CARVALHO *GASPAR RABELO *ANTONIO MINHOTO *DOMINGOS ALVARES *JERONIMO DE ATAIDE *FRANCISCO FERNANDES DE ALMEIDA *BEATRIZ PAIVA *JOSÉ DO PORTO *AFONSO LAGARTO *INES DUARTE *DOMINGOS MARTINS *NICULAU VAZALIM.

Deixei de incluir duas "datas" porque demarcadas fora da jurisdição do município e sem interesse para a história da Várzea, uma de Manoel de Abreu de 25 de agosto de 1608, desde a ponta pequetinga para o norte duas léguas, e a outra de José do Porto de 7 de janeiro de 1609, uma légua para o sertão. Esse lugar corresponde ao rio Touros, doce e perene.

Diferente do que sucede com a ortografia *SEARA*, sem mudança – 1602/1613, bastante conhecida de Martins Soares Moreno como Tenente da fortaleza *SANTOS TRÊS REIS* em 1611, os demais topônimos da Várzea constantes do *AUTO* de 1614 estão caligraficamente desfigurados, como se mostra:

Na "data" n.º 79: *boixunumguape*. Poderia ser *mboy* = cobra + xuú (ou çuú) = morder, talvez *xuiguabo* = mordendo, de que resultou "boixunumguape" e, mais tarde, "maxaranguape". Haveria, porém, outra tradução: *mboy* = cobra + çuú = veado + *guape* = várzea. Neste caso o lugar onde há cobra-de-veado, a Jibóia.

Na "data" n.º 162: *Searâ*. Única vez aparecendo com acentuação. Quiçá engano do tipógrafo que compôs a cópia do *AUTO* para a Revista do Instituto do Ceará. Na mesma "data" o nome *Senembuoasu*, corrutela de *CENEMBI*, camaleão + *AÇU* = grande, verdadeiro. Enfim: "rio do Camaleão Grande".

Na "data" n.º 182: *senembuasuape*, o mesmo rio da "data" 162. Ortografia correta: *cenembi oaçu guape* ou "Várzea do Camaleão Grande". (2)

Isto observado, retorno ao nome *SEARÁ*, rio e várzea. Todos sabemos que primitivamente o rio atendia por *BAQUIPE*, expressão tupi, de conformidade com o testemunho do roteirista Gabriel Soares de Sousa. Entretanto, naquela época, o rio também era conhecido como Rio Pequeno, quiçá para diferenciar do Rio Grande (Potengi) com barra na futura Cidade do Natal.

Mas, o que significa *BAQUIPE*? Esta grafia difere da do *Ms.* n.º 30007, cópia do Roteiro de Gabriel Soares existente na Biblioteca Nacional de Madrid. Nesta está escrito:

..." *de Itapitinga ao Rio Pequeno a que os Índios chamão Bapique são oito léguas.*"

Seria *BAPIQUE* erro ortográfico do copista, ou de tipógrafo? Conheço coisa parecida, o arbusto *BATIPE*, o *abati* + *pé*, sendo a desinência um locativo. No município do Ceará-Mirim existe "batiputá", arbusto da família das Ocnáceas, *Ouratca parviflora baiil*, de cujo fruto se extrai um óleo medicinal e culinário. O povo diz "abati" ou "óleo de Bati", vendido em garrafas, sendo "Batizeiro" o sítio da sua proliferação.

Observa-se que a modulação gráfica *SEARA* passaria a ser *SEARÁ* e também *CEARÁ*. Manuel Pimentel, no livro *Arte de Navegar*, refere os recifes sobreagoados da enseada de Genipabu, afirmando que por ali assim desemboca um rio chamado *Searâ-merim*, no qual "ha duas braças e mais de agoa." (3).

O rio está em altura de 5º40'S, portanto ao sul do Cabo de São Roque.

Ficou esclarecido que a palavra *SEARA* surgiu por primeira vez na capitania do Rio Grande. Agora passarei a examinar a ortografia *SEARÁ*, adotada por Martim Soares Moreno para a várzea e o rio do Presídio de *Nossa Senhora do Amparo*.

Qual a origem de *Seara* e de *Seará*? Em mapas e papéis oficiais coevos o famoso e complicado nome aparece escrito de várias maneiras: Seara, Seará, Syara e Siara. Ou deste outro modo: Ceara, Ceará, Cyara e Ciará.

O fato é que intelectuais procuraram descobri-lhe o segredo etimológico, mas, geralmente, através de hipóteses de ordem ornitológica, ou climatológica, e até orográfica. Tudo isso com vistas à várzea cearense.

O tupinólogo Th. Sampaio, para o qual a ortografia *CEARÁ* gira em torno de casta de papagaios, põe em relevo a modulação *CIARÁ*, decompondo-se em *ci* e *ará*, e explica que o radical nessa circunstância pode significar: "mãe", "origem", "fonte", "manacial", etc., e a desinência os *Psittacus* maiores, papagáios e araras. Em suma, uma expressão tupi traduzida plausivelmente como "papagáio da fonte do rio".

Aliás, o grande tupinólogo baiano opõe-se à idéia corrente de "canto da jandáia", divulgada no romance *Iracema* de José de Alencar, e não concorda com a hipótese de "periquito" sustentada por alguns estudiosos, chegando mesmo a distinguir *ciará* de *ceará*.

Esta última grafia, diz ele, apesar de mais antiga, resulta de alteração da outra. Tratando-se, enfim, de voz tupi, insiste o autor, a mais autêntica é *Ciará*.

Por outro lado, lembrou o livro de Frei Antonio de Montoya, que indica um *Cii* como casta de papagáio, e afirma: "aves que deviam abundar no país que, por essa razão, foi nos primeiros anos do descobrimento conhecido por terra dos papagáios.

Devo salientar que a grafia mais antiga, pelo menos na Capitania do Rio Grande do Norte, é *Seara*, de 1602. Quer dizer, não ficou absolutamente provado que *Cii* corresponderia a *Ci*, radical da desinência *ará* – papagáio de fonte.

Efetivamente, o Prof. H. von Ihering, ornitólogo experimentado em vinte anos de pesquisas, não encontrou nos trabalhos científicos de Marcgrav, de Luccok, de Ihering, de Martius, de Spix e também de Fernão Cardim qualquer referência sobre papagáio chamado "Ciará"...

Quanto a Montoya, o supracitado ornitólogo explica que na edição *Platzmann*, vol. 2º, p. 124, o padre menciona o *CUIUCUIU* para uma espécie de papagáio, mas no conceito de Ihering o termo Cu é apenas sinônimo de *Cuiucuiu* do gênero *Pion psittacus*. Sendo onotopaico, pertence aos grupos dos guaranis e, portanto, "não poderá ser aplicado como explicação da espécie existente no Ceará."

Em resumo, Ihering mostra-se contrário à desinência *Ará*, sugerida por Sampaio, porque ela passaria a ser "ave" e está em contradição com as regras adotadas para a formação das palavras tupis. Segundo ele, os papagáios verdadeiros se denominam: *ajuru* ou *juru* = boca, no sentido de "falador". Como se depreende, Ihering está plenamente correto.

Ademais, Gabriel Soares de Sousa escreveu que os papagáios conhecidos na Bahia eram: *AGERAÇÚ*, grande e falador; *AGERUETÉ*, vermelho, com o tocado da cabeça amarelo, muito apreciado na Espanha; e o *CORICA*, todo vermelho, queixo amarelo e penas vermelhas nas asas. (4)

Jean de Léry é mais explícito:

> "Os papagáios nessa terra do Brasil são de três espécies: os maiores e mais bonitos, a que os selvagens chamam *ajurús*, têm a cabeça rajada de amarelo, vermelho e roxo, as pontas das asas encarnadas, a cauda comprida e amarela e o resto do corpo verde; poucos chegam até cá. Entretanto não são notáveis pela beleza da plumagem e como, quando ensinados, são os que melhor falam, aprendiam-nos mais do que os outros." (5)

No Nordeste brasileiro, e naturalmente também no médio-Norte, segundo nos diz Gonçalves Dias, o silvícola chamava o pássaro pelo nome de *PARAGOÁ-I*, a espécie pequena, e *PARAGOÁ* no sentido genérico. Por conseguinte, em nenhuma hipótese existiu ave chamada *CIARÁ*. Apesar disso, em resposta às observações de Ihering, lembrou Th. Sampaio o *CII* dos sertões do Norte, conhecido como *CIIBA*. Lembrou, sim, mas não provou que *cii* tivesse correlação com a palavra *ciará*.

Na discussão desse problema falsamente considerado, o bom humor literário cresce de intensidade quando vêm à tona interpretações girando sobre "seca" periódica, inclusive a propósito de fator "paisagístico".

Vejamos o Dr. Mendes Júnior, de São Paulo. Apareceu na ribalta dos debates disposto a liquidar adversários. Calcado numa idéia de seu pai, Dr. João Mendes, ele entendia que a palavra *CEARÁ* significava seca periódica, ou então "febres" provenientes do calor – *Ce-araá*. Em conseqüência, o *ce*, genitivo, equivalia a modo costumeiro, e *araá* regulava como moléstia da seca!

Ledo engano do Dr. Mendes. Na verdade, o "a" de *araá* decorre tão somente de valor tônico, equivalente a *ceará*. Em papéis antigos a acentuação de palavras podia ser feita assim:

MOOR, o mesmo que "mor", abreviação de "maior"; *VAA*, igual a "vá"; *POREEM*, a mesma coisa de "porém"; *ATEE*, ou seja "até", e finalmente *CEARAÁ* = "ceará".

Estes exemplos bastam e mostram que o *ará* + *a*, em tupi, é asneira do ilustre Dr. Mendes Júnior. Não vale um caracol. Além disso, nunca existiu no Nordeste (época de seca) uma febre chamada "ceará"...

Interessante também é que houve quem traduzisse *CEARÁ* como decorrência de *SAHARA*, conforme admitiu Fernande Denis no livro *Brasil*. E talvez por causa disso o nosso Antonio Bezerra de Meneses, saudoso consócio do Instituto do Ceará, aceitou-a, dizendo isto: "As duas palavras quase se confundem, na pronunciação, e a muita gente temos ouvido chamar *Saharâ*".

Provavelmente, ele ouviu S (i) *ará*, e nunca Saharâ. De qualquer modo, erro prosódico não soluciona o problema. Haja vista este exemplo: *Ciará* e *Ceará*, que guardam sentido idêntico, mas grafias notabilizadas como cavalo de batalha pelo tupinólogo Th. Sampaio.

A propósito, que vem a ser *Sahara*? Fator paisagístico? Ou Lingüístico? Por causa do *erg* ou deserto de areias com suas *barcanas*? Em face do clima? Um jovem escritor italiano radicado em Brasília, Ricardo Fontana, gostou da idéia: "O nome "Ceará" provém da adaptação da palavra Sahara, porque os navegadores castelhanos acharam as dunas daquela costa muito semelhantes às africanas." (6)

Como é facil imaginar inconseqüentemente!

Ora, o Sahara, longo de trinta e dois graus, com temperatura oscilando de 5º a 60º centígrados na zona tórrida, difere do Ceará. O clima cearense, consoante a classificação de Koppen, corresponde ao subtropical. Sua temperatura varia de 26º a 27º com pluviosidade anual mínima de 60mm e máxima de 1.500mm. No litoral a média anual pode ser fixada em cerca de 1.401mm, na categoria *AW* de Koppen. Já no deserto da África, cuja área calcula-se em 7.500.000 K2, as chuvas são inferiores a 100m. Portanto, o Sahara não faz lembrar um *desetum* cearense ou vice-versa.

Poder-se-ia alegar o fator paisagístico: lençóis de areias volantes. Porém, mesmo assim, a coisa não se encaixa com a expressão *ceará*. Areias volantes avultam com maior rigor no Maranhão, entre o Preguiças (rio) e os Mangues Verdes (pretos) conhecidas desde a época das navegações costeiras como "Lençóis Grandes". Afinal, a costa nordestina é bordada de montes arenosos, e impressionantes pela brancura acentuada pela intensa claridade solar. As areias cearenses não seriam, dessarte, caso excepcional e capaz de recordar o deserto africano.

Sob o aspecto ortográfico da palavra *SAHARA* a diferença é notável. *Ceará* distancia-se dela. Contudo, talvez algum dia apareça alguém com novidades: o nome *Zaharth* no Egito, região mais suave do Nilo, ou rio *Saaã*, afluente do Moluyah em Guaguareb. Ortografias parecidas, aproximadas de *ceará*, nunca faltam.

Voltemos, a propósito, a Antônio Bezerra. Enganado visualmente por uma letra ilegível da palavra *SIARA* de um mapa atribuído a Pero Coelho de Sousa, que ilustra o livro *Razão do Estado do Brasil*, ofereceu, á guisa de "chave" decifradora a grafia *SIZRA*. Sendo esta, diz Bezerra, paroxítona, em meio a outras oxítonas na costa cearense teria se transformado em *Siara* e depois em *Seará*.

Entretanto a evolução constante do vocábulo, que procede de *Seara*, no Rio Grande do Norte, deve ser examinada de outra maneira, como mostrarei adiante.

O fato é que Antônio Bezerra deixou de explicar a acepção de *SIZRA*, nem poderia fazê-lo porque se trata de nome rasurado. Efetivamente, o "z" é um "a", bem visível, no mapa original!

Imagine-se se ele houvesse conhecido os nomes *Cythal* e Sirra, cidade da Síria, bem parecido com *Sizra*...

Todavia, bom pesquisador que era, Bezerra insistiu na luta e trouxe mais uma idéia: *ceará* procede de *çoo ará*, pássaro, ou aves em geral, em grande quantidade, servindo de caça.

Diante disso tudo, já se terá percebido que estamos no limiar de autêntica comédia literária.

Um exemplo: Cândido Mendes de Almeida e o seu contributo. Derramou-se caudalosamente, numa tentativa de decifrar a origem de *Ceará*, desceu ao poço profundo, à maneira de exímio escafrandista, e, no entanto, retornou de mãos vazias. Vale a pena transcrever para aqui a parte mais interessante do seu artigo sob a epígrafe *Etimologia da Palavra – Ceará*:

"Há duas versões sobre a etimologia desta palavra. Outrora tanto os nossos cronistas como os Holandeses escreviam *Siará* e *Ciará*: posteriormente tem prevalecido a nova ortografia – Ceará. Qual a razão? Ninguém poderia dizê-lo.

Ayres do Casal na *Corografia Basílica* t. 2, pág. 195, fundado em um *dizem*, assegura que *Ciará*, no idioma dos indígenas, significava *canto da jandáia*, que é uma casta de papagaio pequeno e grasnador.

Milliet de Saint-Adolphe no *Dicionário geográfico do Brasil*, art. *Ceará*, apoiando-se no procedente escritor, e em Pizarro – Memórias Históricas do Rio de Janeiro, 6º 8, pág. 221, nota 1, sustentava que o nome vem de certa espécie de papagaios, que os indígenas apelidavam – *Ciará*, com quanto outros (Pizarro) julguem que a origem do nome está na palavra indígena – *suia*, que quer dizer caça, e que os Portugueses, achando-a com abundância nos arredores da enseada de Mucuripe, serviram-se deste nome, que por corrutela converteu-se em Ceará. Pompeu no seu pequeno *Dicionário topográfico e estatístico do Ceará* não duvida adotar semelhante etimologia.

Marcgrav, tratando da atual província do Ceará, diz *Ceará* como os Portugueses, e Barlaeus (Van Baerle) *Siará*.

No mapa êste escreve *Ciará*, a denominação do pequeno rio do território do Rio Grande do Norte, ao passo que Marcgrav ou melhor João de Laet o denominou – *Sirag-minor*, da obra de Jacob

Rabbi, alemão ao serviço da Holanda, que era um notável intérprete, tanto da língua Tupi como a dos Tapúias.

As etimologias de Ayres do Casal e Pizarro, que não se apóiam em cronista algum, são arbitrárias, pois não existe semelhante papagáio, cujo canto exprime a palavra em questão; e caça, em Tupi, não é representada pela palavra *Suia*, mas por *çoo*.

Mas conhecida a razão do nome dado ao território, outrora Jaguaribe, fácil será, senão descobri-la, conjecturá-la com alguma aparência de verdade. *Siriá-merim*, ou *Syrag mirim*, 1. c., pequeno caranguejo redondo, ou pequeno caranguejo do alagado, atendendo-se a abundância desse crustáceo no local onde se desliza esse pequeno escoadouro, chamado impropriamente rio. De ciri-apoá se faz a construção *Ciri-á*, e depois *Ciará*.

Poder-se-ia também explicar o nome por *Çoara-mirim*, rio de certas aves da família do cuco, etc.

Outras combinações se podem fazer das palavras – *Çay, Say*, ou *Saim*, o macaco que chamam saguim, abundante nas matas do litoral; *Saviá*, rato do mato, *Sijá*, certo pássaro verde, *Coraya*, ave aquática, *Coruá*, certa palmeira, *Çoara*, buraco, etc., etimologicamente mais suportáveis que as lembradas por Casal e por Pizarro.

Gabriel Soares tratando do Sijá, pássaro verde com bico revolto, no cap. 87, diz que é do tamanho do papagáio, e vive na toca das árvores de cujo fruto se mantém. Mas não o contempla como papagáio ou de sua família, como faz nos caps. 80 e 83, a respeito de outras variedades deste célebre volátil. Marcgrav nem dele trata". (7)

Veja-se agora o que penso acerca de *SIRAG*. Os cartógrafos e os cronistas flamengos costumavam grafar palavras amerígenas de maneira errada. *Sirag*, conforme o alemão Rabbi, nada mais é que Siará, mas com a síncope do "a", ou seja: *Si* (a) *rag*, valendo o "g" como acentuação, portanto um problema de glotologia, hábito de se escrever segundo a pronúncia. Além disso, os exemplos exibidos por Cândido Mendes pecam pela base. O fato de Rabbi citar caranguejo – *Ciri-apoá* (o siri redondo) não nos leva a aceitá-lo como motivador de "ceará".

Temos, sim, o crustáceo decápode braquiúro da família dos Portúnidas, siri de praia e de mangue, porém nunca tive notícia de "ciri" redondo...

Acrescente-se que o rio Ceará-Mirim (pequeno apenas na várzea de agricultura) chamou-se a princípio BAQUIPE ou talvez *BAPIQUE*, em tupi, tornando-se mais tarde rio de "Seara" e também rio "Seará" por influência dos agricultores portugueses. As referências sobre pássaros e crustáceos da várzea são apenas acomodações hipotéticas.

Ainda com referência à Capitania do Ceará, trarei à tona outros estudiosos. Ulysses Penafort, por exemplo, imagina como explicação do vocábulo *ceará* um "grupo de serras", ou por outra, em tupi, *ceia* + *ará*. O Senador Pompeu prefere um rio que nasce da serra. Dessarte, estamos em pleno domínio da invencionice. Haja vista, também, o Barão de Studart preferindo "canto da jandáia", e sabemos que Luís da Câmara Cascudo adota um "fala o papagáio"...

O Dr. Paulino Nogueira, por sua vez, prefere *çoo* ou *sõo*, inclusive *súu* + *ará*, ou seja "tempo", com a partícula "a" como força de expressão. Quer dizer, segundo o autor, verdadeiro tempo de caça.

Afinal, ninguém se entende, ninguém consegue alcançar conclusão lógica e irretorquível.

Há mais. O Dr. Jorge Hurley ao tratar, em 1930, sobre a palavra *ceará*, fez longas divagações de ordem literária, à guisa de filme de fadas do saudoso e genial Walt Disney, chegando a dizer que "*SYARA* vem de *SY* ou (*CY*) mãe, e *YARA*: senhor ou senhora: mãe dos poderosos!"

Curioso é que *SIARA* nunca foi topônimo de abrangência nacional, sob qualquer aspecto geográfico, e sim restrito à pequena área de agricultura na Capitania potiguar, porém mais tarde transferida para uma várzea da Capitania de Soares Moreno.

Mas, prossegue o sábio Dr. Hurley:

"O nome Syara era conhecido dos lusitanos desde o roteiro de Diogo Leite que explorou o litoral do Norte, até o Rio Gurupi.

Frei Vicente do Salvador, na sua história do Brasil, 1500-1626, ocupando-se das jornadas ao planalto da Boapaba (depois Ibiapaba) escreve de três modos o nome Ceará: *SYARA, CIARÁ e CEARÁ*.

Obra antiga, trás as primeiras vozes perfeitas e a última imperfeita: Ceará que, por ser uma corrução portuguesa, foi prontamente adotada.

Isso já deixa a dedução de que, muito antes da fundação da feitoria de Pero Coelho de Sousa em 1603 (na qual ficou Simeão Nunes com 45 soldados) na foz do rio Syara, já como Syara era conhecida toda aquela vasta e fecunda região da terra da luz". (8)

Ora, o Dr. Jorge Hurley escreveu, sim, um capítulo de estória da "carochinha" como se dizia outrora.

SIARA era já conhecido desde a viagem (marítima) de Diogo Leite no ano 1531? Dessa aventura o único roteiro conhecido é o Mapa de Gaspar Viegas de 1534. Nesse manuscrito não existe um topônimo *SIARA* ou com outra grafia parecida. Demais, antes de Pero Coelho de Sousa reconhecer a Ibiapaba em 1603 já existia *SEARA* no Rio Grande do Norte, mas inexistente no litoral cearense. Aliás, o ilustre e saudoso articulista ignorava a Várzea de Seara do Rio Grande do Norte e, não menos lamentável: em 1930, ao escrever e publicar o seu artigo, ignorava se o "riosinho" da Capitania de Soares Moreno ainda existia...

Vale salientar que, dessa comédia literária também compartilha o Dr. Th. Pompeu Sobrinho, ex-presidente Perpétuo do Instituto do Ceará. Logo de início ele aceita a opinião do Dr. Th. Sampaio sobre a ortografia *CIARÁ*, achando-a correta. Entretanto, prefere oferecer ao leitor outras idéias suas, mais interessantes:

"1º - *CEI* (não querer) = *Rá* (soltar = não querer soltar, manter preso algum prisioneiro notável). Um fato desta natureza pode ter sido assáz notável para dá o nome à aldeia; 2º - *CEA* (saindo) = baliza, aparente, visível de muito longe. Certamente alusão às serranias que ficam ao sul e que balisam o porto; 3º - *CÉ*, contração de *ACÊ* (gente) + *AÍ* (bastante, assáz) + *RÁ* (marcada, pintada), literalmente muita gente pintada; 4º - *CÉ* (também significa "espiga"; lugar que dá assáz espigas, fértil); 5º - Menos propriamente, porém, ainda admissível, fazemos a seguinte análise, correspondente, à grafia *CIARÁ: KI* = *GUI* = *CI* (aqui)) + *A* (pref. que forma adjetivos, como *Y* = água, *AÍ* = aquoso) + *RÁ* (marca, sinal, ARÁ (marcado) assinalado, balizado). *CIARÁ* = aqui está balizado. Apresentamos aos mais entendidos, essas diferentes interpretações, sem, entretanto, pretendermos impor, ou mesmo preferir, qualquer delas como verdadeira."

Como é ficífil chegar ao "País das Maravilhas"! com efeito, se a interpretação de Deodoro Sampaio é a verdadeira, de nada adiantariam outras explicações...

Dificílimo chegar ao país das maravilhas porque o problema etimológico ligado ao Tupi passou para o plano do Cariri!

Efetivamente, o Prof. Capistrano de Abreu, magnífico autodidata de renome nacional, afirma que a palavra intensamente discutida – Ceará, procede de *DZUERÁ* com o significado de "rio verde". Esta descoberta serviu para que Th. Pompeu Sobrinho deixasse à margem as peripécias tupinológicas de Th. Sampaio, mostrando que o *DZUERÁ* também que, dizer "amarelo". Eu, por exemplo, não conheço nenhum "rio amarelo" na Capitania, necessariamente capaz de motivar o batismo do rio e da várzea de Soares Moreno.

Contudo, Capistrano, em 1903, reafirmou seu conceito, o de 1887, sem receio à contradita:

A palavra Ceará (Siará) é legitimamente cariri, e as explicações até agora tentadas pelo tupi só satisfazem aos próprios inventores. (9)

Em meio ao maremoto de opiniões desencontradas, trago à tona o historiador J. Brígido, vez por outra criticado pelo Barão de Studart, que lhe corrigia enganos cometidos em matéria de história:

"Ceará vem de outro Ceará do Rio Grande do Norte cujos índios vieram para aqui com os primeiros missionários. A palavra Ceará primitivamente se escrevia "siaraá", que queria dizer – "siri claro". (10)

Mas, na dúvida, Brígido acrescenta: pode significar também "andar para trás" como sucede com o caranguejo, o aratú, o goiamúm e o grauçá.

Obviamente, João Brígido, mesmo com tal "preciosidade", não decifrou o segredo. Mesmo porque a ortografia primitiva no Rio Grande do Norte era *Seara.*

* * *

Apesar das múltiplas interpretações resultantes do vocábulo CEARÁ, encetadas por escritores do passado e, às vezes, repetidas recentemente em artigos de revistas culturais, recordo, aqui, que já tratei do assunto em 1970, mas não fui entendido pelo Presidente do Instituto do Ceará, Gen. Carlos Studart Filho. Nem o meu nome está incluído no elenco de pesquisadores elaborado por Raimundo Girão,

Pequena História do Ceará, 4ª Ed., 1984, a propósito do problema etimológico. Advirta-se, entretanto, que Girão, sempre simpático às teorias de Th. Pompeu Sobrinho, sobre qualquer matéria de história cearense, enxergou, afinal, a realidade, concluindo: "Diante de quanto se expôs, é de ver que a origem do nome Ceará ainda constitui, desafio à argúcia dos etimologistas." Perfeitamente!

Carlos Studart Filho, no artigo *A propósito de Topônimos*, inserto no Vol. 90, p. 107, 1971, da Revista do Instituto do Ceará, fez esta observação:

Considere-se, outrossim, o que o último número da revista do Ceará, insere em suas páginas, um erudito artigo do Professor Guarino Alves de Oliveira, com a denominação de "Resolvido o problema do nome Ceará. Ora isso significa, de modo claro, o surgimento de mais um parecer sobre o assunto.

Ora, que eu sabia, o saudoso Professor nunca procurou desvendar segredo do vocábulo *Ceará*, limitando-se a pequenas notícias esporádicas. O certo é que não compartilhei do índice da comédia literária, ômbro a ômbro com os caravaneiros buscando o "país das Maravilhas". O que afirmei outrora, reafirmo agora com acréscimos.

Sempre entendi que o vocábulo primitivo – *SEARA*, o mais antigo já registrado em documentos da Capitania do Rio Grande do Norte é genuinamente *português*.

De início observe-se êste tópico da "data" de sesmaria n.º 120, do ano de 1607, constante do *AUTO* de repartição das terras do Rio Grande em 1614:

"*Muitas destas datas dos padres são terra inútil e de nenhum proveito, e muito serve para pastos e várzea de seara que cai dentro*".

O Gen. Studart e também seu tio Barão de Studart não deram atenção ao sentido dos dizeres acima transcritos. Em boa lógica, as partes de "terra inútil" ou de "nenhum proveito" – área alagada – serviam de certo modo para pastos, ou apropriadas para criações, mas nessa mesma área havia *seara*, portanto terra agrícola.

Diante disso, e de outros fatos que passarei a expor, creio que resolvi o problema do vocábulo Ceará.

O rio principal da Várzea chamava-se *Seara*, e quando se diz na "data" n.º 106: *uma légua de terra em quadra na varge de seara pelo rio acima que se chama Hobu*, etc., já se pode depreender que se trata de zona agrícola.

Na "data" 176 repete-se o termo *varge* (várzea) *de seara*; e finalmente, de acordo com a informação do Mestre de engenhos Jerônimo Matheus, ficou assinalado: uma *terra que há da outra banda do ryo* (antigo Baquipe), Matheus teria dito: do rio Seara, isto é, o rio da Seara assim denominada pelo colono.

No século dezenove, a partir de mais ou menos 1840 destacavam-se no Vale cearamirinense os Senhores de engenhos de açúcar e os Senhores seareiros. Estes últimos tinham pequenas propriedades de cereais, as *searas*.

Justamente por causa disso o Baquipe (ou rio Pequeno) passou a ser conhecido como Rio Seara. Ora a mesma coisa sucederia na Capitania de Martim Soares Moreno: fundada a povoação em 1611, numa várzea à margem direita do rio, a localidade de Nossa Senhora do Amparo passou a ser *Seará*, inclusive o rio.

No Rio Grande do Norte, conforme o *AUTO*, temos a "data" n.º 40, que diz: *ryo seara* ou da seara; na de n.º 73, *ryo seara*; na de n.º 82, *pelo Seara* (rio) *asima*; na "data" n.º 129, *ryo seara*; e na de n.º 49, um *porto de seara*, ou seja a barra do atua Rio Ceará-Mirim.

No caso da Capitania de Soares Moreno o vocábulo, naturalmente significando: *terra de seara*, apropriada para agricultura de mantimento.

De que *SEARA* e *SEARÁ* são uma mesma coisa não resta dúvida. A mudança do "s" em "c" – *Ceara* e *Ceará* não justifica diferença de sentido. Haja vista que escrevemos *Séres* e *Céres*, ou *Sertão* e *Certão*. Portanto, as ortografias *SEARÁ*, *CEARÁ*, *SIARÁ* e *CIARÁ* decorrem unicamente de vício de pronunciação e êste como é sabido passou a ser aplicado na escrita.

Dessarte, trata-se de vocábulo português, onde se pode concluir que a teoria tupinológica de Th. Sampaio carece de fundamento, ou seja, aquela referente a *CIARÁ*, de *ci* = fonte + *ará* = papagáio.

Enfim, *ci* e *ce* têm um mesmo valor, o mesmo que *si* e *se* em português.

Por outro lado, nem tudo o que escreveu Th. Sampaio no terreno da tupinologia merece crédito. Por exemplo: baseado numa pronúncia popular viciada – *Ridinha*, ao invés do português – *Redinha*, grafia correta, uma praia baldeneária, Distrito de Natal, ele inventou um *RIRITIBA*, tupi, de *riri* = ostra + *inha* = água corrente, a água corrente das ostras!...

Já tive a oportunidade de mostrar, algumas vezes, que o termo Redinha é um diminutivo de Rede, a praia de pescaria, com redes de arrasto.

Em resumo, do jogo de adivinhações até agora examinado, resultaram as mais curiosas interpretações do vocábulo Ceará:

"Casta de papagáio". "Febres produzidas pelo calor". "Deserto arenoso". "Aves em geral em tempo de caça". "Canto da jandáia". "Grasna o papagáio". "Seca periódica". "Fala o papagáio". "Caranguejo redondo". "Grupo de serras". "Ciri claro". "Rio que desce da serra". "Mãe dos senhores". "Periquito". "Buraco". "Rio verde". "Saguim". "Saviá". "Sija". "Coruá". "Tempo de caça". "Manter prisioneiro". "Baliza". "Gente pintada". "Lugar que dá espigas". "Sinal". "Marcado". "Assinalado". "Andar para trás". "Papagáio da fonte".

Todas estas interpretações escapam à realidade. *Searà* nada tem a ver com o Tupi. Certamente por isso, ele não consta no *Dicionário* de Gonçalves Dias.

Por outra parte, *Seara* (plantação) nunca foi ignorada entre os colonos. Em Pernambuco o Pe. Cardim (recorda Gilberto Freyre falando de bênção dada pelos clérigos aos engenhos na primeira moagem do ano) cita a cerimônia das "ladainhas de maio" proferidas "pela prosperidade das searas".

Abra-se a Bíblia Sagrada, e teremos sob os olhos a romântica figura de Ruth, moabita da *Searas* de Booz.

O português Antônio Nobre (1867-1967), enamorado das paisagens naturais, assim se expressa nesta quadra d' *O SONETO*:

Cantai-me, nessa voz omnipotente, / O Sol que tomba, aureolando o Mar, / A fartura da seara reluzente / O vinho, a formosura, o luar!

Em Portugal, várias localidades chamavam-se *Seara*, no século dezenove, como por exemplo, em Cura, em Villa Nova de Famalicão, em Valência, em Filgueira dos Vinhos e em Marco de Canavezes. Entre nós outros, no Estado do Paraná, a cidade *Seara*.

Na obra de Joseph A. Ramalí encontrei registro de *SÉRES* ou seara, o campo de sementes, esteja ou não lavrado; todo gênero de grãos; os frutos pendentes, as searas antes de segadas. Estas interpretações de Ramalí podem entrosar-se perfeitamente com a nossa *varge de seara* do século dezessete.

Na Roma antiga semeava-se a terra invocando a deusa *SESSIA*, seguindo-se as "sementinas" ou festa das sementeiras em honra de *CÉRES*. Daí, as "ladainhas" de maio nos engenhos de açúcar do Nordeste brasileiro.

Existiram as *SÉGES*, cidades. Citem-se: *Segéstica* na "Hispania terraconense", vizinha aos Pirineus, e *Segéstica*, grega, na Sicília. Também a de *Searo*, ainda na Espanha, correlacionada com a deusa da agricultura *CÉRES* ou *SERA*. Desta última veio o termo "seara", o campo das sementes.

Plínio, *História Natural*, refere a "Deus da Colheita". E, quando da reconstituição do Teatro de Mérida, época de Adriano, foi achada uma estátua da deusa em mármore branco, 2,10m de altura, mas já sem os pés e as mãos.

Ainda sobre o que diz respeito ao vocábulo *CEARÁ* da capitania de Martim Soares Moreno devo lembrar o Capitão Brito Freyre, que escreveu o seguinte sobre o litoral cearense:

E é o Ceará indigno de se contar entre as chamadas Capitanias da Nova Lusitania. Mereceu êste nome pela distância larguíssima da terra inculta, que compreende já no distrito do Maranhão.

Mas, por que inculta? Porque deserta e inaproveitada. Todavia, parece que Freyre não entendera direito o significado de seará, na verdade uma terra de "seara", esteja inaproveitada ou aproveitada agriculturalmente. Talvez ele tivesse em mente apenas o litoral inculto, sem proveito econômico, principalmente em termo de cana de açúcar, riqueza da época.

Reafirmo, portanto, que o vocábulo aqui estudado, seja *SEARA*, seja *SEARÁ*, significa solo agrícola cultivado ou não cultivado. Em 1818 observava José Rodrigues de Carvalho na sua *Descrição Geográfica* da Província Cearense, que o terreno "propriamente com o nome Ceará" compreendia desde Cascavel, termo da Vila de Aquirás, "até a Vila de Soures, a serra da Meruoca no termo de Sobral", etc., região, segundo o Autor, servindo apenas para a cultura de mantimento e gados.

Posso finalizar estas investigações com dois pontos de vista. Primeiro, tudo parece mostrar que foi Soares Moreno o introdutor do nome *ceará* em sua Capitania. Basta assinalar que antes de 1611 ninguém conheceu o topônimo nessa região. Dizia-se "Costa

Leste-Oeste", "Costa de Jaguaribe", e "Costa do Maranhão". Segundo, quanto à expressão *SEARÁ-GRANDE*, mais recente, registrada em papéis oficiais coevos, convém reparar o seguinte equívoco do Dr. Gustavo Barroso a êste respeito.

Efetivamente, o erudito autor de *Á Margem da História do Ceará*, Fortaleza, 1962, afirma que o termo Seará-Grande foi adotado para diferenciar do outro *CEARÁ-PEQUENO*, ou seja, o Ceará-Mirim atual.

Gustavo "criou" um *CEARÁ-GUAÇU* em contraposição a CEARÁ-MIRIM! (11). Em aceitaria o seu ponto de vista, sob o aspecto geográfico, em termo de fronteira política, se a Capitania cearense estivesse vinha ao município do Ceará-Mirim.

Afinal de contas, foi *Ceará-Grande* apenas porque o território crescera pela força dos habitantes, já no *hinterland*, portanto um Ceará mediterrâneo.

Notas

(1) Consulte-se *TRESLADO DO AUTO e mais diligencias que se fizerão sobre as datas de terras da capitania do Ryo grande, que se tinhão dado.* Manuscrito da Torre do Tombo, Lisboa, transcrito e publicado pelo Barão de Studart.

(2) A toponímia cearamiriense estudada por mim teve divulgação em 1991, através de trabalho em *xerox* com capa impressa.

(3) Gabriel Soares de Sousa, *Tratado Descritivo do Brasil em 1587.* São Paulo, 1971.

(4) Jean de Léry, *Viagem à terra do Brasil.* Rio, 1961.

(5) Ricardo Fontana, *O Brasil de Américo Vespucio.* Brasília, 1961.

(6) O "pequeno Rio" (Ceará-Mirim) na expressão de Cândido Mendes, supera em extensão o outro Rio Ceará da Capitania de Martim Soares Moreno. Consulte-se Cândido Mendes de Almeida, *Memórias para a História do Estado do Maranhão.* Vol. 2º, Rio, 1974.

(7) H. J. Hurley, *Ceará Colonial.* Artigo publicado no jornal *FOLHA DO NORTE* de Belém do Pará em 10 de agosto de 1930 e transcrito na Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, Vols. 22 a 24. O autor faz referência ao livro *Ceará Colonial* do cearense Dr. Walter Pompeu, não reeditado.

(8) O artigo de Capistrano de Abreu teve publicação n' *A NOTÍCIA* do Rio de Janeiro em 28 de setembro/16 de dezembro de 1903, transcrito na Revista do Instituto do Ceará, tomo XVIII, 1904.

(9) J. Brígido, *Ceará, Homens e Fatos*. Fortaleza, 1889. Os artigos de Cunha Mendes, Ihering, João Mendes Júnior, Th. Sampaio e Capistrano, publicados na imprensa do Sul, estão transcritos na Revista do Instituto do Ceará. O de Th. Pompeu Sobrinho, *Origem da palavra Ceará*, está na revista *VALOR*, Fortaleza, abril de 1942.

(10) O Dr. Mozart Soriano Aderaldo no artigo *Augusto Tavares Benevides – O biógrafo de Mombaça*, Rev. do Inst. do Ceará, Vol. 100, pp. 135/153, 1980 é do seguinte parecer:

> ..."como Nova Lisboa foi chamada a incipiente povoação plantada ali, na margem direita do rio que batizara depois a terra de maneira definitiva – *Siri-ará*. Mais tarde Siará Grande, para distinguir do Siará-Mirim plantado nas ilhargas de Natal, finalmente".
> Mozart leu Gustavo Barroso, gostou, e, não satisfeito "criou" um *SIRIARÁ*. Demais a mais, ainda não convencido ou convicto de sua idéia, apareceu com outro tom bem diferente:
> "O nome de nossa terra significa mesmo "canto da jandáia", pois só assim se entende o encanto de seus filhos pela região sofrida, semi-árida como dizem que é, mas sempre exuberante e feliz na voz comovida de seus poetas e prosadores".
> Por conseguinte, seria perda de tempo continuar criticando tantas e tantas "miragens". Queiram ou não queiram, a verdade é que *SEARA* e *SEARÁ* têm uma só interpretação em português: solo agrícola, de cereais; que Seara é campo *sembrado*, campo de *cereales* ou *mies*, ou *cubierto de vegetación*, com ou sem aproveitamento do homem, consoante os espanhóis.